

À G.:D.:G.:A.:D.:U.:

Aug.:Res.:Loj.:Sim.: “Jacques de Molay”  
Nº2778

“As Cruzadas e os Templários”

C.:M.: Alfério Di Giaimo Neto  
CIM:196017

03/05/2004 E.:V.:

## APRESENTAÇÃO

### Introdução

Procuraremos relatar a tumultuada saga dos **Cavaleiros Templários**, os monges cristãos e guerreiros que ocuparam o Monte sagrado em seqüência à carnificina da Primeira Cruzada.

Recrutados para uma vida de pobreza, castidade e obediência, pretendeu essa Ordem, liderá-los somente para o martírio no campo de batalha, e que deveriam ser totalmente dedicados ao piedoso paradoxo, que afirmava que com a destruição indiscriminada dos não cristãos (infiéis), ganhariam a eterna gratidão do **Príncipe da Paz**.

Os Templários acumularam grandiosa fortuna, com a qual eles financiaram, por duzentos anos, a guerra contra os Muslims no deserto ( a palavra árabe “al-islam” significa o ato de submissão total de si mesmo à Deus (Allah) e o “**Muslim**” é a pessoa que faz essa entrega completa de si mesmo), nas montanhas e na curva mais larga do vale do Nilo.

A recompensa por esses duzentos anos de martírio foi serem aprisionados pelo Papa Clemente V e pelo rei da França, Felipe IV, o Belo, torturados pela Inquisição, e finalmente decretada o extermínio de sua existência. Mas sua lenda e sua herança jamais poderiam morrer.

Relatando esta incrível estória dos Cavaleiros Templários, queremos deixar bem claro como Jacques de Molay, o último Grão Mestre dos Cavaleiros Templários, foi queimado na estaca em Paris em 1314.

A lenda diz que as chamas já estavam altas quando ele gritou uma sentença para o rei Felipe, o Belo, e ao Papa Clemente V, intimando-os a comparecerem, juntamente com ele, em frente ao altar de Deus, para responder por seus crimes contra a Ordem dos Cavaleiros Templários. Ambos se juntaram a ele, morrendo em menos de um ano.

O evento marcou o final de duzentos anos de Cruzadas, nos quais a procura do arrebatamento do significado da Cruz de Cristo, foi, constantemente, contrariado pela desenfreada brutalidade, ganância e corruptibilidade da Idade Média.

## História

Como descreveremos algumas páginas sobre os Templários, vamos nos situar no tempo, regredindo e relatando alguns séculos antes do aparecimento da referida Ordem, para melhor entendimento e compreensão.

Costuma-se situar a Alta Idade Média entre os séculos V e XII, mais ou menos. Esta é uma cronologia tradicional que os historiadores, de modo geral, adotaram, por ser mais cômoda. No entanto, é preciso lembrar que o termo Idade Média foi inventado pelos humanistas do Renascimento dos séculos XV e XVI. Esses humanistas criaram esse conceito para provar que o brilho da cultura clássica havia mergulhado numa “Idade das Trevas”, renascendo somente a partir de 1500.

A chamada Idade das Trevas ocupou somente uma parte da Alta Idade Média e pode-se dizer mesmo que houve uma certa estagnação na produção cultural e material. Mas, posteriormente, esta estagnação e o ritmo do desenvolvimento cultural e material foi retomado, superando, rapidamente, os níveis da produção da Antiguidade Clássica Romana.

Quando o Império Romano começou a sofrer dos males que o levariam ao fim, no ano de 476, os povos chamados germânicos começaram a penetrar e a se instalar além das fronteiras do moribundo império. O encontro entre os mundos bárbaros e romanos produzirá a síntese de um novo sistema social, conhecido pelo nome de *feudalismo*. Entretanto, na Europa Oriental, o Império Bizantino surgiu como contraponto a essa situação. O desenvolvimento das suas cidades, a força do seu comércio, o esplendor da corte e o poder de seu imperador formavam um vivo contraste se comparados com a história européia ocidental deste período.

A Igreja Cristã, tremendamente influente nesse período, a princípio era uma só. Sua autoridade máxima era representada pelo Papa, em Roma. Entretanto, os choques de interesses entre a Igreja de Constantinopla, dominada pelo seu imperador bizantino, e a Igreja de Roma, poderosa e independente, tenderam a crescer com o passar do tempo. Essa diferença se situava principalmente nos rituais e dogmas. Os constantes choques levaram a Igreja Bizantina a não mais reconhecer a autoridade da Igreja Católica de Roma, a partir do ano de 867. No entanto, os conflitos continuaram até 1054, com o rompimento definitivo. Esse episódio ficou conhecido como o **Grande Cisma do Oriente**. A partir daí a Igreja de Bizâncio ficou conhecida como Igreja Ortodoxa Grega.

## A religião muçulmana

A expansão dos árabes muçulmanos, mais propriamente da religião muçulmana, nascida pelo profeta Maomé no século VII da nossa era, atingiu regiões bem distantes. Vou abrir um parêntese para esclarecer que o Iraniano é muçulmano, mas não faz parte do povo

árabe. O mesmo se pode dizer dos turcos, ou dos povos negros do Senegal e do Sudão. Em outras palavras, a grande maioria dos povos árabes é muçulmana mas nem todos os muçulmanos são árabes. Fechar parênteses.

Desde a domesticação do camelo a região do Iêmen havia sido ligada à Palestina por uma rota de comércio de caravanas, que atravessava todo o interior do deserto. Meca prosperou como grande centro comercial – parada obrigatória de todas as caravanas que atravessavam o deserto – e como centro de peregrinação. Nesta cidade estava situado o Templo da Caaba (ou Kaaba), pedra mística (provavelmente um meteorito), que atraía, todos os anos, enormes levas de peregrinos.

Maomé nasceu em Meca, provavelmente em 570. Tomou contato com as grandes religiões monoteístas da época: o judaísmo e o cristianismo. Na Pérsia, ele conheceu o mazdeísmo. Por volta de 610, já com quase 40 anos, Maomé começou sua pregação religiosa. A religião Islâmica, fundada por Maomé, se assenta num monoteísmo absoluto, que impõe a todo convertido a obrigação de se sujeitar à vontade divina. Dessa submissão necessária surgiu o nome da nova religião: islamismo, de **Islão**, isto é, *a submissão à vontade de Deus*. Muslim é a pessoa que segue fielmente o Islamismo.

A expansão religiosa, na verdade política, do império islâmico, colocou sob um controle único as principais rotas de comércio da antiguidade, motivo, como veremos adiante, para o aparecimento das famosas Cruzadas.

A expansão árabe representou um poderoso estímulo para o crescimento da atividade comercial entre o Ocidente e o Oriente. Contando com o domínio de novas técnicas de navegação, adquiridas junto aos povos conquistados, os árabes se lançaram no Oceano Indico, alcançando facilmente a África Oriental, a Índia, o Ceilão e a China. O tráfego de artigos de luxo e especiarias, trazidos destes pontos remotos, introduziu uma nova dimensão de riqueza nunca antes conhecida entre os povos do Ocidente.

Ainda no século VII, os árabes haviam conquistado todo o norte da África, invadindo a Europa e dominando a península Ibérica. Nos séculos IX e X, os árabes transformaram o Mediterrâneo em domínio exclusivo. Os antigos postos comerciais deste mar estavam agora nas mãos dos árabes sarracenos. Esta situação dificultava a atividade comercial e provocava isolamento da Europa.

## **Reação Européia**

Devo esclarecer que na parte mais ao norte da Europa, os francos, que ocuparam a Gália, destacaram-se entre os povos germânicos porque conseguiram organizar um estado bastante forte. Nos primeiros tempos foram dirigidos pela chamada dinastia *merovíngia* (segundo velha lenda dos francos, seu primeiro rei foi Meroveu), mas pouco a pouco os reis dessa dinastia perderam a importância e foram substituídos pela nova dinastia, a dos *carolíngios*.

O rei Carlos Magno, representante mais importante desta dinastia, tentou restaurar a autoridade do antigo império romano, investindo-se, com o apoio da Igreja Católica, do título de Imperador. Essa tentativa resultou na rápida fragmentação do poder central e levou a Europa a aumentar ainda mais a ruralização da sociedade à medida que os senhores locais fortaleciam seus poderes. Estava se formando a sociedade européia, tipicamente feudal. Ao mesmo tempo, bastante ligada à Europa feudal, a Igreja Católica se firmava como a mais importante instituição e como preservadora da vida cultural.

Deste modo, a Igreja Católica, durante toda a crise que se seguiu ao fim do Império Romano e depois da falência do império carolíngio, foi a única instituição organizada que, não somente sobreviveu a tudo isso, como conseguiu manter, em determinados níveis, alguma ordem. Foi, sem dúvida, a responsável pela manutenção de certa estabilidade, servindo de condutora da cultura da Antiguidade Clássica para o mundo medieval. O clero monopolizava o saber; tinha o conhecimento da escrita e da leitura em um mundo de analfabetos. Claro que manteve essa cultura segundo um ponto de vista próprio, que servia aos seus propósitos de grande proprietária de terras, mas de qualquer forma, sem a Igreja, o conhecimento teria ficado estagnado na chamada **Idade das Trevas**.

## **A Expansão Européia e o “espírito” das Cruzadas**

Apesar de que iremos ver, mais para a frente, estes assuntos, abaixo mencionados, faremos um breve relato sobre eles.

O Cavaleiro lutando em nome da cruz, combatendo pagãos, infiéis ou heréticos – eis uma imagem que mais se associa à Idade Média. Até pouco tempo atrás, faziam-se filmes contando as aventuras de Ivanhoé, El Cid, Ricardo Coração de Leão e outros cruzados.

De fato, o início da Baixa Idade Média foi marcado pelo movimento das Cruzadas, que se estendeu durante cerca de duzentos anos (do século XI ao século XIII). Mas o ideal das Cruzadas é anterior, tendo-se originado na resistência ao avanço muçulmano na península Ibérica e perdurado durante muito tempo após o fim das Cruzadas propriamente ditas. Tempos depois, entre os séculos XV e XVI, o “**espírito das cruzadas**” estaria presente na expansão marítima européia e, mais tarde, na conquista e colonização da América pelos países ibéricos.

As Cruzadas foram, em primeiro lugar, um movimento de fundo religioso. Mas seu significado não se esgotou nesse plano. Na época das primeiras Cruzadas, a Europa sofria profundas transformações, que levariam à superação do feudalismo. As Cruzadas representavam uma síntese das preocupações religiosas, sociais, políticas e econômicas da Baixa Idade Média. Ao mesmo tempo, representaram uma válvula de escape e tentativa de solução para estas tensões.

O historiador Franco Junior nos esclarece: “*O homem recebera a Terra como feudo do Senhor e em troca precisava, como qualquer vassalo, ser-lhe fiel e prestar serviço militar*”. Eis aí a origem do ideal da Guerra Santa. Era a luta contra o inimigo de Deus, fossem muçulmanos, heréticos, pagãos ou até cristãos ortodoxos. O guerreiro era recompensado com a indulgência (perdão dos pecados) depois da luta, estendida às suas esposas, caso permanecessem fiéis aos maridos. Durante a guerra, os bens do Cruzado eram administrados pela Igreja, e o pagamento de suas dívidas era suspenso temporariamente.

Franco Junior nos dá, ainda, um trecho do discurso pronunciado no Concílio de Clermont, pelo Papa Urbano II: “*A todos que partirem ou morrerem no caminho, em terra ou em mar, ou que perderem a vida combatendo os pagãos, será concedida a remissão dos pecados*”.

Outra obrigação dos fiéis ao Senhor era a penitência e uma de suas formas era a peregrinação aos lugares santos da cristandade: Compostela, na Espanha; Chartres e Saint Michael, na França; Roma e, **especialmente Jerusalém**. As peregrinações aos lugares santos de Jerusalém eram a principal meta dos peregrinos, até que os turcos conquistaram a Palestina, em 1071, impedindo o acesso dos cristãos. Um dos mais caros valores da

espiritualidade medieval estava sendo ameaçado, e os europeus não hesitaram em organizar expedições militares para resgatar a Terra Santa das mãos dos infiéis. Essas expedições receberam o nome de “**Cruzadas**”. Seus integrantes distinguiam-se do guerreiro comum porque usavam uma cruz como símbolo.

Eram os “Cavaleiros” - guerreiros-vassalos de Cristo.

## As Cruzadas

Numa definição simples, dizemos que as “**Cruzadas**” foram expedições militares que foram formadas entre os séculos XI e XIV para se retomar a Terra Santa dos Muslims. A palavra *cruzada*, a qual é derivada do Latim *crux*, é uma referência para a determinação bíblica que os Cristãos carregavam sua cruz (Matt. 10:38). Os Cruzados usavam uma cruz de tecido vermelho costurado em suas túnicas para indicar que eles tinham assumido a cruz e que eram soldados de Cristo.

## Causas das Cruzadas

As causas das Cruzadas foram muitas e complexas, mas prevalecendo claramente que as crenças religiosas foram de maior importância. As Cruzadas continuaram a antiga tradição da peregrinação para a Terra Santa, a qual era freqüentemente imposta como penitência; agora, entretanto, eles assumiam o duplo papel como peregrinos e guerreiros.

Tal como uma peregrinação armada, era considerada como uma guerra justa, por que ela pelejava para recapturar a Terra Santa.

Jerusalém tinha estado sob o domínio dos Muslims desde o século VII, mas as peregrinações não haviam sido interrompidas desde o século XI, quando o turco Seljuk começou a interferir com os peregrinos cristãos.

Para os Cristãos, o simples nome de Jerusalém evocava visões dos fins dos tempos e a cidade da eterna bem aventurança. Para ajudar recuperar a Terra Santa, executou-se o ideal do cavaleiro Cristão.

Encorajados pelo Papa, pela esperança do mérito eterno, e pela oferta de indulgências, milhares de pessoas foram motivadas a abraçar a causa.

Considerações políticas também foram importantes. As Cruzadas foram a resposta ao apelo de ajuda do Império Bizantino, intimidado pelos turcos comandados por Seljuk. No ano de 1071 tinham ocorrido, conjuntamente, a captura de Jerusalém e a decisiva derrota da Armada Bizantina em Manzikert, criando o medo de futuras vitórias turcas. Em adição, a esperança do Papa para a reunificação da área Leste com a do Oeste, a ânsia dos nobres por terras, num tempo de colheitas deficientes, a pressão populacional no Oeste, e uma alternativa para combater em “casa”, foram os maiores impulsos.

As Cruzadas foram igualmente o resultado de circunstâncias econômicas. Muitos participantes foram seduzidos pelas fabulosas riquezas do Oriente; uma campanha no exterior significava um escape das pressões da sociedade feudal, na qual os filhos mais jovens das famílias freqüentemente careciam de oportunidades econômicas. Em larga escala, as maiores autoridades da Europa e as crescentes cidades da Itália (Genova, Pisa e Veneza) viam as Cruzadas como uma estabilização e extensão da rota comercial.

## A Primeira Cruzada (1096 a 1099)

A Primeira Cruzada foi lançada pelo Papa Urbano II num discurso no Concílio de Clermont, França, em 27 de novembro de 1095. Urbano II falou sobre a necessidade de ajudar os cristãos do Oriente e parar com a profanação dos lugares sagrados, e pressionar o dever moral de manter a “Paz de Deus” em casa. Ele apelou por voluntários para irem à Jerusalém e prometeu remissão dos pecados como incentivo. A resposta foi além do esperado. Com o grito de guerra “**Deus deseja isto!**” milhares de pessoas tomaram a cruz de Cristo, símbolo das Cruzadas. Bandos de peregrinos, pobremente armados, a maioria deles inexperientes e pobres, sob a orientação de Pedro, o Ermitão, e Walter, o Paupérrimo, saíram de Constantinopla, mesmo antes da armada ganhar consistência.

Alguns começaram massacrando Judeus no Vale Rhine. Muitos pereceram no caminho para o Oriente e o resto foi massacrado pelos Muslims quando eles cruzaram Anatólia.

A armada principal, principalmente formada cavaleiros Franceses e Normandos, sob a liderança de – Godofredo de Bouillon, Baldwin, Raymond de Toulouse, Roberto da Normandia, Bohemond de Taranto, e outros – reunidos em Constantinopla, procederam uma longa e árdua marcha através de Anatólia. Eles capturaram Antioquia em 1098 e finalmente Jerusalém em 1099, em selvagens batalhas.

No final da campanha, quatro estados Cruzados foram criados ao longo da costa da Síria e Palestina: a Comarca de Edessa, o Principado de Antioquia, a Comarca de Trípoli e o Reino Latino de Jerusalém, onde Baldwin foi coroado Rei.

Contínuas rivalidades entre os líderes e entre os nobres, entretanto, não deixaram nenhuma chance de consolidar aquelas aquisições, arduamente conseguidas.

### **A Segunda Cruzada (1147 a 1149)**

A próxima Cruzada teve como causa imediata, a perda, em 1144, de Edessa para os Muslims de Mosul e Aleppo. Motivada por São Bernardo de Clairvaux, pelo rei Luís VII da França e pelo rei germano Conrado III, tentaram liderar armadas separadas através da Anatólia. Os remanescentes deles se juntaram para o fracassado cerco à Damasco. O único sucesso dessa Cruzada foi a captura, em 1147, de Lisboa, Portugal, pelos Cruzados Ingleses em sua ida para o Leste, de navio.

### **A Terceira Cruzada (1188 a 1192)**

A terceira Cruzada foi a resposta para a conquista, em 1187, de quase toda a Palestina, incluindo Jerusalém, pelo Sultão Saladino, que tinha consolidado o poder dos Muslims na Mesopotâmia, Síria e Egito. Os ilustres Cruzados incluindo o Rei Felipe II da França, o Imperador Frederico II, do Sacro Império Romano e o Rei Ricardo I da Inglaterra, entretanto, fracassaram no percurso à Cilícia, e os esforços dos Cruzados se desintegraram pelos atritos e falta de cooperação. Acre foi recapturada em 1191, mas Felipe II retornou à França, logo em seguida. Jaffa estava salva, devido principalmente a iniciativa de Ricardo, que também ocupou Chipre.

### **A Quarta Cruzada (1202 a 1204)**

O Papa Inocêncio III empreendeu reorganizar a Cruzada sob os auspícios da Igreja. Mas, a falta de fundos para pagar a passagem de 10.000 Cruzados em Veneza,



forçou o desvio para, principalmente, à armada Francesa. Atacaram a cidade de Zara, cercaram e tomaram Constantinopla em 1204. Ela foi pilhada – principalmente nas suas relíquias – e transformada na residência do Imperador Latino, Baldwin, conde de Flanders.

### **Outras Cruzadas.**

Durante o século XIII várias tentativas foram feitas para reviver o entusiasmo, em declínio, pelas Cruzadas. Os Muslims, entretanto, sob as ordens de Ayyubid, tinham um firme controle da Síria e da Palestina, e sua devoção à “**jiahd**” (guerra santa) contra os europeus, mantinham firmemente sua determinação. A **Quarta Cruzada** foi seguida de um trágico episódio “a Cruzada das Crianças”, em 1212, no qual milhares de crianças pereceram de fome, de doença ou foram vendidas como escravas no seu caminho para o Mediterrâneo. Uma expedição sob o legado papal tentou acertar o poder de Ayyubid no Egito (era a **Quinta Cruzada**). A ilha de Damietta (Dumyat) foi finalmente tomada em 1219, mas uma inundação do Nilo atrapalhou a caminhada para o Cairo.

Durante a expedição de paz para a Terra Santa (a **Sexta Cruzada**) entre 1228 e 1229, o Sacro Imperador Romano Frederico II negociou a devolução de importantes lugares de peregrinação (entre eles Jerusalém, Bethlehem, Lydda e talvez Nazaré) sem derramamento de sangue. Frederico se corou rei de Jerusalém, mas a cidade foi reconquistada pelos Muslims em 1244.

O rei Luiz IX da França conduziu duas Cruzadas. A primeira com tropa de aproximadamente 20.000 homens, foi diretamente para o Egito (**Sétima Cruzada**, de 1248 a 1254). Ele teve sucesso na ocupação de Damietta, mas teve de devolver a cidade, devido um grande resgate, quando ele e sua armada foram derrotados e capturados. Por um tempo Luiz IX teve residência em Acre. Da qual ele governou a costa por quatro anos (1250 a 1254). Enquanto ele esteve no Leste, tentou fazer uma aliança com os Mongóis, contra os Muslims.

A segunda campanha contra o sultão de Tunis no norte da África (**Oitava Cruzada**) em 1270, foi também um grande fracasso. Nesse meio tempo, Jaffa e a Antioquia foram perdidas para o Sultão Mameluco Baybars, em 1268. O ultimo bastião cristão na costa da Síria, Acre, foi assaltada pelo Sultão em 1291.

Durante o século XIII, as Cruzadas foram usadas de modo crescente pelo papado contra os inimigos no Oriente. Um precedente teve lugar pela Cruzada contra os pagãos eslavos da Germânia em 1147 e a garantia da indulgência para os Cruzados nas batalhas contra os Muslims na Espanha. Essas Cruzadas foram seguidas de Cruzadas contra os Albigenses (heréticos no sul da França, entre 1209 e 1229) e contra Prussianos e Lituanos. O francês Angevins tomou a Sicília da dinastia germânica Hohenstaufen com Cruzadas com o devido consenso do Papa.

O uso das Cruzadas como mera ferramenta do poder político continuou nos séculos XIV e XV.

### **Resultados das Cruzadas**

Os resultados das Cruzadas são difíceis de serem estimados. Em termos religiosos, eles endureceram as atitudes dos Muslims com os Cristãos. Ao mesmo tempo, dúvidas foram crescendo entre os Cristãos sobre os desejos de Deus, a autoridade da Igreja, e a função do Papa. O fervor religioso desviou-se para o desinteresse, ceticismo, e para uma

crescente dúvida na legalidade das coisas, como por exemplo, o uso indiscriminado de indulgências pelo Papa.

Por outro lado, as Cruzadas fizeram estimular o entusiasmo religioso em larga escala. Elas inspiraram uma grande literatura em Latim e na língua vernácula, especialmente na área de romances. Contatos com o mundo dos Muslims começou a substituir a ignorância, sobre outras culturas e religiões, pelo respeito por elas. A idéia da conversão à força tomou novo rumo, com ênfase na missão (missionários) e na apologia. Pedro, o Venerável, abade de Cluny, teve o Corão, traduzido para o Latim em 1143 e São Francisco de Assis tentou pessoalmente converter o Sultão de Damietta durante a Quinta Cruzada. Mais tarde os Franciscanos continuaram o interesse pela missão entre os Muslims.

Politicamente, as Cruzadas não realizaram muitas mudanças. Os estados cruzados e o Império Latino de Constantinopla, tiveram vida curta. Somente as Ordens militares fundadas no Oriente (Hospitalários, Templários e Teutônicos) tiveram uma apreciável influência, mais tarde, na política Européia. As quase intermináveis rixas entre os nobres e senhores feudais, provocou um enfraquecimento no Ocidente e a firme convicção para os Muslims que a guerra podia ser conduzida para lá. Nesse sentido, as guerras turcas se sucederam, nas quais o Império Ottomano se expandiu na direção do coração da Europa.

Hoje, somente as ruínas dos castelos dos Cruzados são evidências da presença deles no Oriente. Sabe-se, entretanto, que mais de 100 castelos e fortalezas foram feitas, principalmente na fase defensiva da Segunda Cruzada.

Economicamente, as Cruzadas impuseram imensa carga ao clero e aos leigos. A crescente economia do oeste da Europa foi drenada nos fundos para suportar as expedições. Nesse tempo, o Papa e seus auxiliares estavam indisponibilizados para cuidarem de qualquer outra efetiva causa. Ainda, as Cruzadas promoveram um rápido crescimento da economia, dos bancos, e de novos métodos de taxaço.

O alargamento do horizonte geográfico, preparou a Europa para os descobrimentos da idade moderna. Negócios, arquitetura, e o crescimento da cultura urbana, particularmente na França e Itália, foram estimulados através das Cruzadas, e a ciência islâmica, filosofia e medicina influenciaram profundamente a vida intelectual no Ocidente. Muito dessas influências, entretanto, podem ter vindo dos contatos com os Muslims na Espanha e Sicília.

## **Cavaleiros**

Na Europa medieval o termo **Cavaleiro** referia-se a um guerreiro montado em cavalo, pertencente a uma classe imediatamente inferior a dos nobres. O nome é, algumas vezes, aplicado aos soldados montados, na antiga Roma, uma classe abaixo da dos Senadores. A classe romana foi criada para prover meios de elevação para homens que não haviam nascidos em uma família da nobreza.

Na classe medieval, entretanto, provavelmente originada com as tribos bárbaras do norte da Europa, o termo inglês foi derivado do Inglês Antigo “**cnih**”, significando “**alguém na fase inicial**” ou “**partidário ou discípulo militar**”. Frequentemente o filho mais novo de uma hereditariedade emergente, o Cavaleiro começava seu treinamento como um jovem auxiliar, com a idade de 15 a 16 anos, nos serviços de assistência a um



aristocrata, e crescia na classe de escudeiro, começando seu período de experimentação. Quando seu chefe o considerava como merecedor, o cavaleiro em perspectiva recebia seu abraço cerimonial, antecipado tradicionalmente com uma leve pancada no ombro com a espada, sendo proclamado um Cavaleiro. Uma vez Cavaleiro, ele era autorizado a usar o título honorífico de “**Sir**” e continuar no serviço militar de seu chefe aristocrata.

Com o desenvolvimento do feudalismo, a classe de Cavaleiro (em francês, “Chevalier”; em alemão, “Ritter”) tornou-se uma classe de “**proprietário de terras**”. O Cavaleiro tinha a concessão de suas terras que era um direito de posse militar. Isto é, o Cavaleiro realizava um serviço militar ao seu chefe aristocrata, na esperança da concessão de terras para ele. A classe, ou dignidade, de Cavaleiros também tinha um significado religioso, e uma festa religiosa (vigília) de frente a um altar fazia parte da Iniciação.

No tempo das Cruzadas, importantes Ordens militares e religiosas foram estabelecidas. Entre elas estavam incluídas os Cavaleiros de São Lázaro (formado no quarto século, mas militarizada no 12º século); os Cavaleiros Hospitalários (formados no 12º século); os Cavaleiros Templários (formados em 1118, como relataremos em breve); os Cavaleiros Teutônicos (formados em 1190); os Cavaleiros da Espada (Ordem dos Livonianos, formados em 1204) e outras.

### **Cavalheirismo - cortesia e bravura.**

A palavra inglesa “chivalry” tem como tradução, num conceito moderno em nossa língua, a palavra “**cavalheirismo**”. Era um sistema de ideais éticos, desenvolvido entre os Cavaleiros na Europa Medieval. Ele combinava virtudes militares com aquelas do cristianismo, como compendiado, por exemplo, na lenda de Arthur, herói britânico.

Essa palavra tem origem na palavra francesa “Chevalier”, significando Cavaleiro. Era um código de conduta pela qual os Cavaleiros eram supostamente guiados e orientados. Em adição à bravura militar nos campos de batalha, ao seu inerente valor, à fidelidade a Deus e ao seu chefe da nobreza feudal, ele clamava pelo respeito ao inimigo e generosidade com os doentes, oprimidos, viúvas e com pessoas em semelhantes adversidades.

Também incorporado nesse ideal, estava o “amor polido, cortes”, uma devoção romântica à uma mulher sexualmente inatingível, usualmente mulher de um outro homem.

Esses ideais influenciaram a fundação das Ordens religiosas e militares, objeto deste estudo, como os **Cavaleiros Templários**, os Cavaleiros Hospitalários e os Cavaleiros Teutônicos.

Com o passar do tempo, entretanto, esses ideais se tornaram simplesmente um sistema de etiqueta. Torneios, nos quais os Cavaleiros arriscavam suas vidas em justos combates, na presença de damas e senhoritas, transformaram-se em algo elaborado, estilizado e em entretenimentos inocentes, sem o menor risco.

Desse antigo sistema ético, sempre maior na literatura do que na vida real, temos hoje, como já mencionado, o conceito moderno de “**Cavalheiro**”.

### **Cavaleiros Teutônicos**

Fundada em 1190 por negociantes germânicos para servir um hospital durante o cerco de Acre na Terceira Cruzada, os Cavaleiros Teutônicos foram originariamente chamados de Irmãos do Hospital de Santa Maria dos Teutônicos em Jerusalém.

Em 1198 eles se tornaram uma Ordem Militar, semelhante aos Templários e Cavaleiros Hospitalários. Os membros, que pertenciam à nobreza, faziam votos de pobreza, castidade e obediência. Durante o 13º século, a Ordem mudou-se para o leste da Europa e começou aplicar os princípios dos Cruzados contra os povos pagãos desse local. Sob a liderança de Hermann von Salza, Grão Mestre de 1210 a 1239, a Ordem começou a modelar-se como ordem militar-monástica no estado da Prússia. Por sua administração e colonização ela pretendia uma posição central na expansão para o leste, da cultura e poder germânico.

Em 1237 a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, fundiu-se com a Ordem dos Cavaleiros Livonianos, que tinham criado para eles um domínio similar nas ilhas do Báltico. Sua expansão para o leste parou (1240) pela derrota nas mãos de Alexandre Nevsky. A Ordem fez repetidas e fracassadas tentativas de conquistar a Lituânia.

Durante o 16º século o Grão Mestre da Ordem, Albert de Brandenburg, convertido (1525) ao Luterismo, declarou a Prússia como um ducado secular. Nesse ponto, os Cavaleiros Livonianos se separaram, até que em 1561 foram dissolvidos. O remanescente da Ordem Teutônica manteve terras na parte central e sul da Alemanha até 1809. Hoje é reorganizada como uma Ordem Clerical de padres,. Irmãos e irmãs engajados num trabalho pastoral e cuidando da saúde. Seu quartel general é em Viena.

## **Cavaleiros Hospitalários**

Os Hospitalários ou Cavaleiros Hospitalários, de São João de Jerusalém, foram originariamente uma Ordem militar-religiosa formada, também, durante as Cruzadas. Seu remanescente existencial atualmente é a Suprema Ordem Militar de Malta.

O grupo foi formado no 11º século em Jerusalém; seus membros foram irmãos vinculados a um hospital dedicado à São João que cuidava de peregrinos doentes ou necessitados. Em 1113 este grupo recebeu a aprovação papal como ordem regular. Seu primeiro superior (Grão Mestre) foi Gerard de Martignes. Seu sucessor foi Raymond du Puy que reconstituiu a Ordem e começou engajar seus membros em operações militares para o **Reino Latino de Jerusalém** (ver comentários abaixo).

Após 1187, a Ordem moveu seu quartel general para a cidade de Acre. Os membros continuavam a cuidar de doentes, guardavam as estradas e lutavam. Eles se tornaram rivais dos Templários na arte de guerra cruzada.

Em 1310 mudaram primeiro para Chipre e depois para a ilha de Rhodes, na qual a Ordem governou como um estado independente até a chegada do turco Otto. Em 1530, o Sagrado Imperador Romano, Carlos V, concedeu Malta para os Hospitalários. Eles defenderam a ilha contra os turcos até que Napoleão I expulsou todos eles em 1798. A Ordem estava declinando e, finalmente seu quartel general foi finalmente estabelecida em Roma. E, de 1805 a 1879 não tiveram Grão Mestre.

Reconstituída em 1879, os Hospitalários continuam hoje como uma Ordem onde clericais e membros fiéis, ambos engajados em trabalhos de caridade e assistência médica. Ela é internacional na qualidade de seus membros e de suas atividades. A vestimenta da Ordem é um manto negro com a cruz de malta de oito pontas, na cor branca.

## O Reino Latino de Jerusalém

O Reino Latino de Jerusalém foi criado em 1099 pelos líderes da primeira Cruzada; foi conquistado pelos Muslims em 1291. Sua grande extensão incluía a Palestina e outros estados ao norte, principalmente da Antióquia. A história desse reino pode ser contada em duas etapas: de 1099 até 1187 quando Jerusalém foi reconquistada pelo líder dos Muslims, Saladino e de 1189 até 1291, quando foi finalmente conquistado.

Durante a primeira fase o Reino tinha como capital a cidade de Jerusalém. Os Cruzados escolheram inicialmente Godfrey de Bouillon como administrador (1099 a 1100). Apesar dele ter tomado somente o título de Defensor do Sepulcro Sagrado, seus sucessores, começando por seu irmão Baldwin I (1100 até 1118) usaram o título real. Eles tinham a esperança de expandir e consolidar sua posição na Palestina e, em particular, capturar cidades costeiras, as quais a Primeira Cruzada não havia conquistado. Com o apoio naval de Gênova, Veneza e Pisa, eles tiveram sucesso nessa empreitada.

A oposição árabe dos Muslims estava inicialmente fragmentada entre pequenos e insignificantes estados. Após 1128, entretanto, os estados árabes foram gradualmente se unificando, graças à ação de novos líderes, entre eles o maior sendo Saladino, que se tornou administrador (governador) do Egito em 1169. Declarando uma guerra santa em 1187, ele derrotou os Cruzados em Hattin, resgatando Jerusalém para os Muslims e sitiando os remanescentes Cruzados em Tiro, Trípoli e Antióquia.

Em 1189 os Cristãos promoveram a Terceira Cruzada intencionada de reconquistar Jerusalém. E assim foi feito. Esta Cruzada e as outras que a sucederam, somente reconquistaram as cidades costeiras e faixa adjacente do território.

De 1191 para frente a capital do reino era a cidade de **Acre**. Infelizmente, o futuro desse Reino foi amargurado pelos conflitos entre os Barões e os Governadores; entre os colonizadores de Veneza, Pisa e Gênova; e, principalmente entre as Ordens Militares dos Hospitalários e Templários.

A queda de **Acre** para os egípcios (Mamelucos) em 1291 marcou o fim do Reino Latino de Jerusalém.

## Os Templários

A História registra que em 12 de junho de 1118 da era cristã, Hugo de Paganis (Hugues de Payens), Cavaleiro da Burgúndia, juntamente com Godofredo de Saint Omer, mais sete outros fidalgos se uniram numa ordem ao mesmo tempo monástica e militar, jurando se tornarem “**pobres companheiros de Cristo**” e encarregarem-se de proteger e socorrer peregrinos que faziam sua caminhada, na maioria das vezes para a Palestina.

Nascia assim a **Soberana Ordem dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém**, também chamada de **Pobres Cavaleiros de Cristo**, e também de **Cavaleiros do Templo de Salomão**.

Baldwin II, então conhecido como “**Rei do Reino Latino de Jerusalém**”, (vide informações na página 10 deste Trabalho) partilhou com eles, alojamentos no palácio, perto do antigo Templo do Rei Salomão, derivando daí o nome de “**Templários**”.

Conforme nos informa o Mestre Castellani em “Origens Históricas e Místicas do Templo de Salomão” – “deve ficar esclarecido, inicialmente, que foram três os Templos de Jerusalém, todos eles erigidos sobre o Monte Moriá, no setor oriental da cidade, local onde,

segundo a tradição, Abraão teria ido para sacrificar seu filho Isaac. O primeiro Templo foi o de **Salomão**, concluído por volta de 986 A.C., Salomão teve a orientação de seu pai Davi e, sem dúvida, usufruiu de suas amizades com os Fenícios. E, sob a inspiração e as ordens do mais conhecido rei dos hebreus, o primeiro Templo foi erigido. Esse Templo foi destruído quando Jerusalém foi conquistada pelos babilônios de Nabucodonossor II, em 586 A.C. O segundo Templo foi o de **Zorobabel**, que começou a ser construído quando os hebreus retornaram para a Palestina, em 538 A.C., do exílio na Babilônia, o qual lhes havia sido imposto por Nabucodonossor. O terceiro Templo foi o de **Herodes Magno**, preposto de Roma, que começou a edificar o novo Templo em 19 A.C.; este seria destruído pelos romanos, no ano 70 da era atual, restando dele, hoje, apenas um paredão, conhecido como “**muro das lamentações**”. Todavia sempre que houver referência ao Templo de Jerusalém, ela será dirigida ao primeiro Templo, o de Salomão, que é o mais importante, tanto do ponto de vista histórico quanto do religioso”.

Retornando aos Templários, alguns historiadores nos afirmam que durante alguns anos seus membros dedicaram-se somente a trabalhos sobre o plano metafísico, sem participar nos combates e na política. Posteriormente teve a finalidade de garantir a guarda dos lugares santos da Palestina e proteger os peregrinos em suas peregrinações. Tal fato se deve, provavelmente, a um pedido de **São Bernardo de Clairvaux**, patrono dos Templários, à Hugo de Payens, solicitando a cooperação da Ordem para reabilitar “*ladrões e sacrílegos, assassinos, perjúrios e adúlteros*” porém que estivessem dispostos a se alistar nas fileiras das Cruzadas pela liberação da Terra Santa.

Bernard de Clairvaux, ou São Bernardo de Clairvaux, nasceu em 1090 e morreu em 1153. Era um clérigo francês, místico, e doutor da Igreja Católica Romana. O maior líder moral e espiritual da Igreja do hemisfério Ocidental no 12 ° século, se tornou um monge Cisterciense em 1113 e foi nomeado abade de Clairvaux, uma filial de Citeaux, em 1115. Apesar de Bernard não ter rejeitado a idéia de Racionalismo na teologia, ele se tornou o maior oponente das teologias racionalistas, as quais, ao seu ver, ameaçaram a religião ortodoxa.

Ele era um conselheiro de confiança de reis e papas e um líder patrocinador da Segunda Cruzada. Ele também contribuiu pesadamente na elaboração das regras para a Ordem dos Cavaleiros Templários, a qual ele tinha a esperança de se tornar um modelo de cavaleiros cristãos. Foi também muito ativo nos afazeres papais, no começo de 1130. Muito de seus escritos, transladados e coletados em seis volumes, revelam um sólido conhecimento de estudos bíblicos, teologia espiritual e filosofia. Ele foi canonizado em 1174 e foi formalmente reconhecido como um doutor da Igreja em 1830.

Alentado, assim, por um dos mais influentes de sua época, Hugo de Payens partiu em direção do Concílio de Troyes, na França, para assegurar o reconhecimento de sua Ordem na Europa. Ali, sob o patrocínio e proteção de São Bernardo, apresentou as regras da Irmandade. Eram regras rígidas recebidas de São Bernardo, que impunham, aos cavaleiros, **castidade, pobreza e obediência**.

A Ordem dos Templários foi aprovada pelo Conselho Eclesiástico de Troyes e nomeada como “**Pobres Soldados de Cristo do Templo de Salomão**”. Porém, a carta Constitutiva da Ordem, que a estabeleceu definitivamente, só lhe foi outorgada em 1163 pelo Papa Alexandre III.

Uma vestimenta branca com uma cruz vermelha gravada no lado esquerdo do tórax era o uniforme prescrito. Seu estandarte tinha as cores branca e preta, indicando que eles eram justos e favoráveis com os amigos de Cristo, mas tenebrosos e terríveis com seus inimigos.

A Ordem foi logo dividida em Cavaleiros, Clérigos e Servidores. A sua seção mais importante foi a dos **Cavaleiros**, por sua feição militar. Em sua recepção, juravam observar os três preceitos de *pobreza, castidade e obediência*, tal qual os membros das demais Ordens da Igreja. Em geral descendentes de alta estirpe, os Cavaleiros tinham direito a três cavalos, a um escudeiro e duas tendas. Aceitavam-se também homens casados, mas sob a condição de legarem à Ordem metade de suas propriedades, e não se admitiam mulheres. Os membros eram, na maioria das vezes, recrutados entre os aristocratas, e as qualificações exigidas para admissão eram rígidas, as regras de vida severas, e ordens de batalharem até morrer, e nunca se entregarem aos Infiéis. Eles combinavam espírito de humildade com o mais alto valor militar. Enquanto os Cavaleiros de Malta ou Hospitalários estavam representados em oito lugares, os Cavaleiros Templários estavam divididos em 15 Províncias, cobrindo a maior parte da Europa. A casa ou palácio principal era chamado de Preceptoria e era presidida por um Preceptor.

Depois vinha um corpo de **Clérigos**, incluindo Bispos, Padres e Diáconos, sujeitos aos mesmos votos dos Cavaleiros e que por condição especial, não rendiam obediência a nenhum superior eclesiástico ou civil a não ser ao Grão-Mestre do Templo e ao Papa. Institui-se que as confissões dos irmãos da Ordem deviam ser ouvidos somente por clérigos especiais, e assim permaneciam invioláveis os seus segredos.

Havia também a classe dos **Servidores**, dividida em duas: os criados e os artífices. A hierarquia administrativa da Ordem era formada pelo Grão-Mestre, autoridade máxima do Templo; um **Marechal** como autoridade em assuntos militares e os **Preceptores** ou **Comendadores** sob cuja direção estavam as Províncias.

Tornou-se, na época, uma das poucas forças militares organizadas, lidando, inclusive com os heterogêneos e mal preparados contingentes que formavam os exércitos das Cruzadas. Tornaram-se hábeis administradores, explorando, muito bem, a necessidade que os governantes tinham de seus serviços. Em decorrência disso, o ouro da Europa desembocava em seus cofres, províncias inteiras eram colocadas sob sua guarda e eles movimentavam-se como verdadeiros senhores do mundo, sem que fossem obrigados a pagar impostos ou tributos e dependendo unicamente do Papa.

A influência dos Templários cresceu rapidamente. Combateram valentemente em várias Cruzadas, e devido aos bens tomados de seus inimigos vencidos, ou doados à Ordem, chegaram a ser grandes financistas e banqueiros internacionais, cujas riquezas tiveram o seu apogeu em meados do século XIII.

Os seus castelos serviam, muitas vezes, de bancos e, assim, eles acabaram estabelecendo um grande sistema bancário, sendo que tanto a Santa Sé, quanto os principais soberanos europeus tinham contas correntes com eles, que emprestaram dinheiro sob garantia, tornando a Ordem credora de seus reis e nobres. Na Inglaterra eles arrecadavam, cobravam e administravam vários impostos, chegando a criar, para maior facilidade de seus clientes, as chamadas “**cartas de crédito**”, que permitiam diversas transações.

Tinham grande influência na Igreja, fato este que pode ser constatado por seus membros serem convocados para participar dos grandes **Concílios da Igreja**, tal como o de **Latrão** em 1215 e o de **Lyon** em 1274.

Assim, não há dúvida que essa Ordem foi um repositório de Sabedoria Oculta na Europa, durante o século XII e XIII. Porém, seus segredos eram transmitidos tão somente a alguns de seus membros selecionados. Em sua seção religiosa, as cerimônias de Iniciação eram executadas sob estrito sigilo, e daí, naturalmente, a razão de lhes haverem os leigos atribuído as mais horríveis práticas e histórias infundadas.

A par dessas atividades, a Ordem empenhou-se na construção de fortalezas, igrejas, estradas e pontes, sofrendo a influência dos monges cistercienses e das associações de construtores existentes no Oriente.

Entre os séculos XII e XIII, os Templários haviam dado origem ao **Compagnonnage** (Companheirismo, que não tem nada a ver com o grau de Companheiro, da Maçonaria). Devido a necessidade de trabalhadores cristãos, em suas distantes comendadorias, organizaram-nas de acordo com sua própria filosofia e deram-lhe um regulamento chamado “**Dever**”; esses trabalhadores vestiam-se de branco e não usavam espadas ou qualquer outra arma. Construíram no Oriente Médio, formidáveis cidadelas, adquirindo conhecimento e métodos de trabalho dos Árabes e também de ensinamentos herdados de mestres construtores da antiguidade e que lhes serviram para edificar, no Ocidente, as igrejas góticas.

É possível que a **Ordem dos Cavaleiros Templários** tenha se ligado à **Franco Maçonaria** através das sociedades dos Compagnonnage, uma vez que o produto final dessas duas entidades era o mesmo, ou seja, construções monumentais em alvenaria. Sabe-se que na Maçonaria atual temos símbolos e emblemas muito precisos de origem oriental, que, com muita frequência são representados nas paredes dos Templos, e nos painéis de grau, provenientes, sem dúvida, da **Maçonaria Operativa**, mas, supõem-se que sua origem mais remota está na Ordem dos Templários, ou do Compagnonnage, por ela criado.

Deste modo, a Ordem cresceu muito em tamanho, fortuna e influência, e pode ter sido corrompida pelo fausto e pelo ócio. Em 1291 saíram da Palestina, e reforçaram suas Preceptorias na Europa, onde eles se desviaram de seus propósitos originais e se estabeleceram para usufruir de sua riqueza, acontecimento que talvez tenha enfraquecido suas características de homens fortes e corajosos, mas não justificando a crueldade como eles foram destruídos, apesar que nos olhos de muitos fanáticos, deveria ser o motivo da cruel perseguição.

Depois da tomada de Acre, capital do Reino Latino de Jerusalém, pelos Muslims, como vimos, em 1291, o quartel general da Ordem foi transferido da cidade Santa para Chipre, e posteriormente para Paris, onde passou a ser o principal centro na Europa.

Por certo que esta derrota das Cruzadas, em que o túmulo de Cristo caiu, novamente, nas mãos dos “infiéis”, abalou a posição dos Templários, como também das demais Ordens militares. Entretanto, ninguém podia prever o trágico acontecimento que estava para ocorrer.

A Ordem possuía ainda imensas riquezas e continuava credora do Papa e da corte da França e tais posses passaram a ser avidamente cobiçadas, principalmente pelo rei da França, **Felipe IV**, cognominado **Felipe, o Belo**, que atacou violentamente contra a Ordem, com total conivência do **Papa Clemente V**, totalmente dominado por ele, inclusive instalado à força, em Avignon.

Vamos abrir mais um parêntese para falarmos sobre esses dois importantes personagens, na existência da Ordem dos Templários.



Clemente V nasceu em 1260 e morreu em 1314, sendo Papa de 1305 até 1314. Ele era de origem francesa, com o nome de Bertrand de Got. Quando ele trasladou a sua administração de Roma para Avignon, como dissemos, coagido pelo rei Felipe IV, ele iniciou uma controvérsia residencial papal que durou 70 anos. Inclusive, no final desse período, houve época que tivemos três Papas conjuntamente: um em Avignon, outro em Roma e outro em Piza. Ele sempre serviu aos interesses da França e durante seu pontificado a Ordem dos Templários foi suprimida, por insistência do rei Felipe IV, como veremos com mais detalhes. Sempre que fazia nomeações de servidores, como Papa, sempre protegia os franceses e, principalmente seus parentes.

Felipe IV nasceu em 1268 e morreu em 1314, sucedeu seu pai, Felipe III, como rei da França em 1285 e, nesse mesmo ano, casou com Joana de Champagne, rainha de Navarra. Apesar de que seu reinado foi um dos mais importantes da história da França, o posicionamento de Felipe nesse contexto é discutível. Ele não é mais considerado como uma mera pessoa representativa, sem autoridade real, mas contínuos debates se faz para saber se era sem escrúpulos e cínico ou um homem profundamente religioso que tentou viver acima das tradições do Rei Luiz IX.

Ele acreditava na sagrada majestade inerente ao rei da França que o levou a entrar em conflito com a Igreja, a nobreza do país, bem como com poderes de fora do mesmo.

Felipe IV entrou em guerra com a Inglaterra em 1294 e empreendeu várias medidas impopulares para dar suporte às necessidades desse empreendimento.

Ele foi bem sucedido na disputa com o Papa Bonifácio VIII sobre a taxaço do clero e obteve vitórias iniciais contra a Inglaterra e Flanders. Em 1301, Felipe IV acusou Bernard Saisset, Bispo de Pamiers, de alta traição, precipitando uma amarga rixa com o Papa, que ordenou que Saisset fosse enviado para Roma. Quando a armada francesa foi destruída pelos insurretos de Flemish, em Courtrai, em 1302, Bonifácio fez linha dura na sua disputa com Felipe IV. Em retaliação o monarca Francês lançou uma propaganda de depravação atacando o Papa. Após espetaculares façanhas contra o Papa, que morreu em 1303, logo após ter sido arrastado para a França, Felipe IV, determinou novas eleições para um Papa francês, Clemente V, que foi forçosamente colocado em Avignon.

Para repor o tesouro real, exaurido após anos de guerra, Felipe IV expulsou todos os Judeus em 1306, confiscando suas propriedades e o dinheiro pertencente a eles. E, como está sendo relatado neste trabalho, destruiu os Templários.

Foi sucedido por seu filho, Luiz X.

A riqueza da Ordem fez crescer a mesquinhez desse rei, e o seu poder desafiou o amor próprio real. Ele, então, conspirou com o Papa Clemente V para destruí-la e tomar suas propriedades e riquezas. O Papa escreveu ao Grão Mestre Jacques de Molay, que estava em Chipre, para vir visitá-lo para consulta de importantes assuntos.

Jacques de Molay, juntamente com 60 Cavaleiros, chegou em Paris em 1307, sendo em seguida capturado e aprisionado e, até o fim desse ano, cada Cavaleiro Templário foi preso sob ordens do rei e acusado de idolatria e outros crimes, cujas acusações foram suportadas por dois traidores, expulsos da Ordem, Noffodei e Squin de Flexian. Aproximadamente 120 acusações foram feitas, incluindo entre elas, a negação de Cristo, insultos ao Crucifixo, cerimônias obscenas de iniciação, idolatria, magia e outras de igual teor.

Todos os Cavaleiros Templários foram condenados e, em 12 de maio de 1310, cinquenta e quatro deles foram queimados em praça pública, em estacas. Em março de 1314, Jacques de Molay e seus três principais assistentes foram igualmente queimados.

Pelo edito do Papa, a Ordem foi dissolvida e suprimida de toda Europa e as propriedades, que não haviam sido recolhidas pela Igreja ou pelo Estado, foram cedidas para os Cavaleiros de Malta.

Mas, aqui cabe a pergunta: a Ordem foi realmente extinta ou sobreviveu?

Quanto a esta última hipótese, alguns escritores tem feito afirmativas, ligando a Ordem dos Cavaleiros Templários, com a Ordem Maçônica. Existem cinco principais teorias sobre isso, sumariamente mencionadas abaixo.

O Cavaleiro Ramsay, em 1737, declarou que os Cavaleiros Cruzados (não mencionou Cavaleiros Templários) eram excelentes guerreiros e espetaculares arquitetos (isso nos deixa em dúvidas pois são atividades normalmente antagônicas); as palavras secretas da Maçonaria seriam nada mais do que as palavras chaves dos campos militares da Palestina; que os Cavaleiros – Maçons imitaram os Israelitas quando da construção do segundo Templo, usando a trolha em um a mão e a espada e o escudo na outra., etc, etc.

Outra, menos específica do que a de Ramsay, diz que os Francomaçons se associaram com os Cavaleiros Templários na construção de fortalezas, hospitais, monastérios e igrejas abobadadas, motivos para que as duas Ordens se fundissem.

Outra teoria diz que Peter d’Aumont, com outro Cavaleiro fugitivo, foram para a Escócia, onde determinaram um lugar sagrado, juntamente com os Francomaçons, dando, então, o crescimento dos graus Templários, etc.

A versão inglesa dos cavaleiros fugitivos é que os Cavaleiros Templários procuraram refúgio na Inglaterra, fugindo do continente, onde eles se uniram com os Francomaçons, e eventualmente, tenham erigido o “Acampamento de Baldwin” e outros em Bath, Londres, York e Salisbury.

A última teoria a ser mencionada, diz sobre a continuação ou a ressurreição da Ordem Templária. Teriam, então, surgido duas ordens: uma delas seria chamada de “**Ordem de Cristo**” e a outra, “**Ordem do Templo**”. Destas, acreditamos que a primeira seja a verdadeira continuação da ordem medieval, pois a última supomos suportado por anacronismos forjados.

Finalizando, e dando crédito ao parágrafo acima, sabemos que após a condenação dos Templários pelo Papa Clemente V (1312), uma comissão eclesiástica investigou as acusações contra a ramificação portuguesa da Ordem e foi dado veredicto favorável à Ordem. Como os Templários eram ricos, influentes e leais, Dom Diniz, rei de Portugal de 1279 a 1325, tirou vantagens da morte de Clemente V e manteve a Ordem sob um novo nome. A “**Ordem de Cristo**”, a partir daí assim chamada, recebeu a benção do novo Papa em 1319, e em consequência, com seu grande conhecimento e riqueza, tornou-se uma importante peça na expansão colonial de Portugal.

## **Os Templários e o Descobrimento do Brasil**

Resumindo e acrescentando novos pequenos detalhes no que foi relatado até agora, com a finalidade de melhor nos situarmos, temos: o rei da França, Filipe IV, o Belo, na época do século XIV, estava falido e, entre outros, devia muito dinheiro a Ordem dos Templários, que era uma das Organizações mais ricas e mais poderosas da Europa. Seus

membros eram guerreiros, banqueiros e construtores e tinham sede em Paris. Pelo fato de serem guerreiros, e bem organizados, se apoderaram de imensas quantidades de terras e bens materiais dos perdedores aos quais punham o seu jugo. Controlavam feudos e construções em Paris e no interior da França.

Participaram de modo intenso, e principalmente, nas Cruzadas. As mesmas eram “patrocinadas” pela Igreja Católica a qual permitia, devido sua portentosa influência juntos aos reis e governantes, que os Templários tivessem muitas regalias e direitos.

Entretanto, exigiam que as Cruzadas saíssem vitoriosas em suas contendas. As derrotas das Cruzadas no Médio Oriente, alimentaram uma onda de calúnias, produzida provavelmente por pessoas ou entidades invejosas e sedentas do fracasso dos Cavaleiros da Ordem dos Templários, dizendo que os mesmos teriam se “vendido” aos muçulmanos, fazendo com que os coitados dos cristãos sofressem as conseqüências de tal atitude tomada.

Aproveitando o clima favorável, talvez produzido por ele mesmo, em 13 de outubro de 1307, Filipe invadiu, de surpresa, as sedes dos Templários em toda a França, prendendo todos os membros.

Dois processos foram abertos contra a Ordem dos Templários: um dirigido pelo rei contra os presos, o outro conduzido pelo papa Clemente V, que como sabemos, foi forçado pelo rei Felipe, a colocar a sede do Papado em Avignon, França.

Muitos Cavaleiros foram mortos. A maioria degolada. A Ordem era Inicialmente e bastante discreta. A própria discricção da Ordem foi usada contra ela, fazendo-se afirmações absurdas, típicas de antimaçonaria, que ocorreria após alguns séculos. As etapas dos Rituais de Iniciação foram convertidas em monstruosidades.

Devido a ramificada rede de informações da Ordem, os sobreviventes trataram de salvar a maior quantidade possível de bens e tesouros.

Todos os seus bens “disponíveis” foram confiscados. Esperava-se uma fortuna, mas, como pouco foi efetivamente recolhido, criou-se a suposição de que os tesouros foram transferidos em segurança para outro país.

Para muitos investigadores, esse país teria sido Portugal. O rei Dom Dinis (1261-1325) decidiu garantir a permanência da Ordem dos Templários em terras portuguesas. Sugeriu uma doação formal dos bens da Ordem à Coroa, mas, talvez, por imposição dos Templários, foi nomeado um administrador, de confiança da Ordem, para cuidar deles.

Dom Dinis, numa atitude corajosa para a época, local e condições, abriu as portas para todos os refugiados da Europa. Nessa ocasião, por volta de 1317, o último Grão Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários, Jacques (ou Thiago) de Molay, como vimos, já havia sido executado na fogueira (1314). Nem o Papa, com toda sua autoridade e com a “**Santa Inquisição**” a sua disposição, o intimidou: fundou a **Ordem de Cristo** com, segundo afirmam os historiadores, o patrimônio dos Templários.

Todos os perseguidos da Europa, se concentravam, trazendo seus segredos, seus conhecimentos, para o **Convento de Tomar**, sede da Ordem de Cristo. Uma nova etapa, uma nova era, estava acontecendo para os Cavaleiros Templários. Dois anos depois, em 1319, um novo papa, João XXII, reconheceu a **Ordem de Cristo**.

No início do século XV, Portugal era um reino pobre. A riqueza estava na Itália, na Alemanha e na Flandres (hoje parte da Bélgica e Holanda). Nesse caso, porque é que foram os portugueses a encabeçar a expansão européia? Sem dúvida, a rica **Ordem de Cristo** foi o seu trunfo decisivo, com seus tesouros, mas, principalmente, com os seus conhecimentos e experiência adquiridos ao longo dos anos .

Quando o Infante Dom Henrique, terceiro filho de Dom João I, se tornou Grão-Mestre da Ordem, em 1416, a Organização encontrou apoio para colocar em prática um antigo e ousado projeto: circum-navegar a África e chegar à Índia, ligando o Ocidente ao Oriente sem a intermediação dos muçulmanos, que então controlavam os caminhos por terra. Dom Henrique assumiu o cargo de governador do Algarve. Dividia seu tempo entre a **Ordem de Cristo** e o Porto (ou Vila) de Lagos.

Ao retornar à Portugal, na primavera de 1419, após combater os mouros na cidade de Ceuta, dom Henrique teria decidido abandonar as “futilidades da corte” e se instalar na ponta de Sagres. Dom Henrique era uma figura imponente, obcecado, teimoso, celibatário e asceta, permanentemente envolto em um manto negro.

O próprio local que o infante supostamente escolheu para viver já era pleno de simbolismo e magia. O antigo “promontório sacro” de gregos e romanos – chamado de **Sagres** pelos lusos - fora batizado pelo geógrafo grego Ptolomeu. Era a parte final da Europa: um lugar desértico, de beleza trágica, onde a terra se despede num cabo nu e pedregoso, para mergulhar no oceano temível e repleto de mistérios. Não por acaso, Sagres tinha sido ocupado por um templo de druidas, os sacerdotes celtas.

Ainda assim, não foi na ponta de Sagres, mas na Vila de Lagos, acerca de 30 km a leste dali, que Dom Henrique de fato se instalou, quando seu pai, o rei Dom João I, o fez governador daquela região, conhecida como Algarve, ou El-Ghard, a Terra do Poente, outrora o Ocidente árabe.

Foi aí, que em 1420, Dom João I, fez do Infante o administrador da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, originária da antiga Ordem dos Templários .

Algarve era a base naval e uma corte aberta: vinham viajantes de todo o Mundo, com todo tipo de informações, tão importantes naquela época. Foram atraídos para lá, sábios, cartógrafos, astrônomos e astrólogos – especialmente Judeus que, desde meados do século XIV, fugiam das perseguições que se desencadeavam na Espanha. Afirma-se hoje que, o Porto (ou Vila) de Lagos, localizada em uma ampla baía, possível de se zarpar, liderada pelo infante, foi que comandou a expansão marítima do século XV. Ali foi fundada a Escola de Sagres – que, na verdade, existiu apenas no sentido filosófico da palavra, já que nunca houve um espaço físico, um centro de estudos, e muito menos um observatório, na Ponta de Sagres.

Tinham passado cem anos sobre a condenação dos Templários nos processos de Paris, e o Vaticano estava preocupado com a pressão muçulmana sobre a Europa, que aumentara muito no século XIV. Com isso, em 1418, o Infante consegue o aval do papa ao projeto expansionista. Num século, os papas emitiram onze bulas privilegiando a Ordem com monopólios da navegação para a África, posses de terras, isenção de impostos eclesiásticos e autonomia para organizar a ação da Igreja nos locais a descobrir.

Dom Henrique sabia que os lusos não seriam capazes de cruzar o mar de areia do deserto do Saara, que só podia ser vencido com o auxílio do camelo, “o navio do deserto”, capaz de marchar 20 km por dia. Certas caravanas tinham até 12.000 camelos.

Mas havia indícios de que os marroquinos faziam um tipo de comércio com os habitantes locais, nas proximidades da foz de um grande rio, cujo delta verdejante, ladeado de palmeiras, desaguava no Atlântico, ao sul do arquipélago das Canárias. De posse de tais informações, Dom Henrique começou a pensar na hipótese de flanquear os mouros pela retaguarda e dominar a foz do “rio de ouro” – que, como se saberia depois, era o Senegal, tido como um dos braços do Nilo.

Para fazer isso, teria que mergulhar no desconhecido.

No momento em que o Infante, à frente da **Ordem de Cristo**, resolveu dar a volta ao continente Africano, a idéia parecia uma loucura. Havia pouca tecnologia para navegar em oceano aberto e nenhum conhecimento sobre como se orientar no Hemisfério Sul, porque só o céu do Norte estava cartografado. Mais ainda: acreditava-se que, ao Sul, os mares estavam cheios de monstros terríveis. De onde teria vindo então a informação de que era possível encontrar um novo caminho para o Oriente? **Possivelmente dos Templários**, que durante as Cruzadas, além de se especializarem no transporte marítimo de peregrinos para a Terra Santa, mantiveram imensos contatos com viajantes oriundos de toda a Ásia.

Quando o navegador da **Ordem de Cristo**, Gil Eanes passou o Cabo Bojador, um pouco ao sul das Ilhas Canárias, em 1434, mais do que realizar um avanço náutico, estava a desmontar uma mitologia secular. Acreditava-se que, depois do Cabo, localizado no que é hoje o Saara Ocidental, começava o Mar Tenebroso, onde tudo de mal aconteceria aos navegadores. Quando finalmente reuniu coragem e viu que do outro lado não haveria nada de especial, Eanes abriu caminho para o Sul.

Morto em 1460, o Infante Dom Henrique não assistiu o triunfo de sua empreitada, mas sentiu que Portugal estava para se tornar uma das maiores potências marítima, na época.

Nas primeiras décadas da existência da **Ordem de Cristo**, os ex-Templários estabeleceram estaleiros em Lisboa, fizeram contratos de manutenção de navios e dedicaram-se à tecnologia náutica, aproveitando o conhecimento adquirido no transporte de peregrinos entre a Europa e o Médio Oriente durante as Cruzadas.

O rei Dom João II, que governou entre 1481 e 1495, estimulou a atividade mercantil e a colonização dos territórios africanos.

A Ordem de Cristo controlou o conhecimento das rotas e o acesso às tecnologias de navegação enquanto pode. Mas com o ouro descoberto na Guiné, em 1461, o monopólio da pilotagem passou a ser cada vez mais desafiado. A partir de então, multiplicaram-se os contratos com comerciantes e as cessões de domínio ao rei para exploração das regiões descobertas. Aos poucos, a sabedoria secreta guardada em Tomar foi sendo passada para mercadores de Lisboa, da Flandres e da Espanha. Naquela época, Portugal fervilhava de espões, especialmente espanhóis e italianos, que procuravam os preciosos mapas ocultos pelos Templários.

Enquanto o tesouro, de dados marítimos, esteve sob a sua guarda, a estrutura secreta da Ordem garantiu a exclusividade aos portugueses. Em Tomar e em Lagos, os navegadores só progrediam na hierarquia depois de sua lealdade ter sido comprovada, se possível em batalha. Só então podia ler os relatórios reservados de pilotos que já tinham percorrido regiões desconhecidas e ver preciosidades como as tábuas de declinação magnética, que permitiam calcular a diferença entre o Pólo Norte verdadeiro e o magnético. E, à medida que as conquistas avançavam no Atlântico, eram feitos novos mapas de navegação astronômica, que forneciam orientação pelas estrelas do Hemisfério Sul, a que também só os iniciados tinham acesso.

Mas o sucesso atraía a competição. A Espanha, tradicional adversária, também fazia política no Vaticano para minar os monopólios da Ordem, numa ação combinada com seu crescente poderio militar. Em 1480, depois de vencer Portugal numa guerra de fronteiras que durou dois anos, os reis Fernando, de Leão, e Isabel, de Castela, começaram a interessar-se pelas terras de além-mar. Com a viagem de Colombo à América, em 1492, o Papa Alexandre VI, um espanhol de Valência, reconheceu em duas bulas, as *Inter Caetera*,

o direito de posse dos espanhóis sobre o que o navegador genovês tinha descoberto, e rejeitou as reclamações de Dom João II de que as novas terras pertenciam a Portugal. O rei não se conformou e ameaçou com outra guerra. A controvérsia induziu os dois países a negociarem, frente a frente, na Espanha, no ano de 1494, um Tratado para dividir o vasto Novo Mundo que todos pressentiam: o *Tratado de Tordesilhas*.

Portugal acabou por ser obrigado a enviar os melhores cartógrafos e navegadores da **Ordem de Cristo**, liderado pelo experiente Duarte Pacheco Pereira, à Tordesilhas, na Espanha, para tentar um tratado definitivo, mediado pelo Vaticano, com os espanhóis. Apesar de toda contestação, a Santa Sé era o único poder transnacional na Europa do século XV. Só ela podia mediar e legitimar negociações entre países.

Portugal saiu-se bem no acordo. Era a vantagem dada pela estrutura secreta da **Ordem de Cristo**, que devido a sua política de sigilo, os portugueses sabiam da existência das terras onde hoje está o Brasil sete anos antes da viagem de Pedro Álvares Cabral.

Lisboa, 08 de março de 1500, um domingo. Terminada a missa campal, o rei Dom Manuel I sobe ao altar, montado no cais da Torre de Belém, toma a bandeira da **Ordem de Cristo** e a entrega a **Pedro Álvares Cabral**. O capitão vai içá-la na principal nave da frota que partirá daí a pouco para a Índia.

Era uma esquadra respeitável, a maior já montada em Portugal, com treze navios e 1500 homens. Além do tamanho, tinha outro detalhe incomum. O comandante não possuía a menor experiência como navegador. Cabral só estava no comando da esquadra **porque era Cavaleiro da Ordem de Cristo** e, como tal, tinha duas missões: criar uma feitoria na Índia e, no caminho, tomar posse de uma terra já conhecida, o Brasil.

Em 22 de abril de 1500, naus com a cruz da Ordem de Cristo, chegaram onde hoje é a Bahia. Foi o espírito dos cruzados que guiou a aventura das grandes navegações portuguesas.

A presença de Cabral à frente do empreendimento era indispensável, porque só a **Ordem de Cristo**, uma companhia religiosa-militar autónoma do Estado e herdeira da misteriosa **Ordem dos Templários**, tinha autorização papal para ocupar – tal como nas Cruzadas – os territórios tomados aos infiéis. No dia 26 de abril de 1500, quatro dias depois de avistar a costa brasileira, o Cavaleiro Pedro Álvares Cabral cumpriu a primeira parte da sua tarefa. Levantou, onde é hoje Porto Seguro, a bandeira da Ordem e mandou rezar a primeira missa no novo território.

O Escrivão Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei sobre a solenidade; **“Alí estava com o capitão a bandeira da Ordem de Cristo, com a qual saíra de Belém, e que sempre esteve alta”**.

Alférico Di Giaimo Neto  
SP, 16 de maio de 2004



%%%%%%%%%